

FRAGO, Antonio Viñao. *Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Lenita Maria Junqueira Schultz¹

Esta obra trata da passagem das culturas orais para as culturas escritas, da interação entre oralidade, imagem e escrita e da alfabetização como campo de pesquisa. Esses temas, no entanto, não constituem preocupação exclusiva de Viñao Frago em relação à realidade espanhola. Pelo contrário, pode-se constatar que, nas últimas décadas do século XX, autores americanos, espanhóis, portugueses e ingleses têm focado a história da alfabetização como uma análise sócio-histórica das mudanças da mente humana. Tal é a afirmação de Frago que explica o deslocamento da atenção dos estudiosos do analfabetismo para o processo de alfabetização, seus agentes, suas maneiras de atuação, seus aliados e adversários. Esse deslocamento teve como consequência o recurso a outros aspectos do campo de investigação tais como: fatores ideológico-culturais, relação oralidade-escrita, outros tipos de linguagem e as comparações entre diferentes culturas. Apresenta, assim, pontos que caracterizam a história dos processos de comunicação humana. São eles: a existência da linguagem oral; o tipo de linguagem oral usado; a possibilidade da representação gráfica da fala; o surgimento do signo gráfico (linguagem icônica); o tipo de escrita correspondente à fala.

Para Viñao Frago, os fundamentos biológicos do pensamento humano – as características do cérebro – como a plasticidade, permitem a afirmação de que as transformações nos meios de comunicação implicam modificações no modo de pensar, refletir, expressar-se, que correspondem a mudanças nas estruturas mentais. Tais mudanças referem-se não às estruturas básicas do cérebro humano, mas à maneira com que a mente se organiza, interage e opera, ou seja, referem-se aos processos psicológicos superiores. Questionando os tipos de transformações que ocorrem no pensamento humano, a partir da comunicação oral, o autor apresenta os trabalhos de

¹ Professora adjunta no Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás.
E-mail: lenitaj@terra.com.br

estudiosos como Ong e Luria salientando as críticas referentes às investigações destes pesquisadores.

Para o autor, tanto os alfabetizados mediante aprendizagem escolar, quanto os não alfabetizados, têm possibilidade de desenvolver o pensamento lógico abstrato, embora seja inegável o estímulo da escola a determinadas habilidades. Conclui-se, portanto, que é possível considerar as mudanças que ocorrem na passagem de uma cultura oral primária, na qual predomina a comunicação mediante a fala, para uma sociedade escriturária e tipográfica, com suas possibilidades e tecnologias específicas.

Do ponto de vista histórico-antropológico, a linguagem é uma característica de qualquer agrupamento humano. A linguagem oral vem primeiro, e depois as diferentes formas de representação vão configurando a escrita. O conhecimento das culturas orais e de como homens e mulheres dessas culturas se expressam, pensam, armazenam e trocam informação, permite que se compreenda melhor as transformações causadas pelo uso da escrita e da alfabetização e o que se ganha e se perde com elas.

Assim, o pensamento central dessa obra consiste em dois processos, o da oralidade e o da escrita, tendo cada um sua linguagem própria, sua dinâmica e suas características, não formam dois mundos separados, mas devem, sim, estabelecer e manter uma relação na qual nenhuma das modalidades pode ser entendida sem levar em conta sua interação mútua. Viñao Frago ressalta que, mesmo na escrita e na literatura, muitas são as influências das produções orais, que vêm enriquecer e “aquecer” a produção literária, evitando que esta se torne fria, artificial e sem graça, o que freqüentemente ocorre. Apenas o desenvolvimento e a interação da oralidade e da escrita corresponderão a uma cultura mista: oral e literária.

A investigação de W. J. Ong, sobre os efeitos da escrita e da imprensa no pensamento e na expressão do ser humano *pós-tipográfico*, mostra que as preocupações geradoras das pesquisas, estudos e análises da linguagem oral levaram ao exame da interação entre esta e as linguagens escrita e audiovisual. Máquinas, computadores, processadores, rádios, gravadores, discos, CDs, televisão, vídeo, celulares produzem e reforçam a tecnologia da palavra pela gravação do som que pode, agora, ser guardado e conservado. Esse é um novo aspecto da oralidade que tem a ver com a antiga, mas em diferente contexto, pois a oralidade, agora, é influenciada pela escrita em todas as suas concepções: tipográfica, datilográfica, digital, audiovisual (projeções,

outdoors). Essa nova oralidade cria o que Ong chamou de um sentimento tribal de grandes agrupamentos humanos, que pode ser percebido nas pessoas pela utilização de oratória semelhante (além de comportamentos, gestos, vestimentas, moda, decoração, culinária), divulgada por rádio, TV, cinema, cartazes, dentre outros meios de comunicação.

Assim, há dois tipos de não alfabetizados: um referido a figura digna de respeito, dotada de memória, capacidade de concentração, presteza, inventividade, tenacidade e apuro auditivo; e outro, o analfabeto informado, resultado, muitas vezes, de uma escola conformadora e reprodutivista. Este, considerado inferior e desvalorizado – também chamado de “analfabeto secundário”; memória atrofiada, sem poder de concentração da atenção, “desinformado”, paradoxalmente, por um excesso de informação sobre o trivial, o “desimportante”, prejudicado em sua capacidade de expressão oral interessante, amena e correta. O analfabeto informado não escreve, ou quase isso; a televisão é, praticamente, o seu único e ideal meio de comunicação. Chamar a atenção do mundo acadêmico sobre esta situação é um propósito de Viñao Frago para que não se deixe perder a riqueza da oralidade, da leitura em voz alta, o cultivo da melodia das palavras, do tom da fala, da acuidade auditiva. O autor compara a fala “de alguns jovens urbanos” à de camponeses, demonstrando que enquanto aqueles “É raro que digam algo, que componham frases completas e significativas”, os camponeses convivem em um mundo verbal e, portanto, “quase sempre falam – e pensam – muito melhor”. (FRAGO, p. 80)

Há, na obra, referência a dados relativos ao decréscimo do analfabetismo na Espanha, comparando-os com o restante da Europa. O número de analfabetos tem sido sempre maior na Espanha, já que as pessoas, em geral, embora não deseducadas, desconheciam a leitura e a escrita, tendo, quando muito, passado episodicamente pela escola e outras agências sociais que não assumiram a função alfabetizadora. Pesquisas baseadas em modelos tradicionais têm atribuído tal fenômeno, principalmente, a um motivo: a eficiência da escola dependia de sua capacidade para alfabetizar, tal como ocorre, hoje, na concepção dos sistemas escolares. Já as pesquisas históricas mais recentes deram outro enfoque às análises, enfatizando os aspectos ideológico-culturais mais complexos e reformulando o estudo das relações entre industrialização, urbanização e alfabetização.

O autor ressalta que uma das explicações plausíveis para as diferenças na evolução da alfabetização entre as regiões européias, talvez esteja relacionada a certas condições encontradas a partir de pesquisas que indicam diferenças nos processos adotados por países protestantes e católicos. Em grandes linhas, pode-se localizar a Europa do Norte, protestante alfabetizada, e a Europa do Sul, católica analfabeta. Esta divisão explicaria os resultados do processo de alfabetização em uma sociedade em que a religião era baseada em livros, na doutrina, na conversão, com o estímulo à leitura pessoal e familiar da Bíblia. Textos dos líderes da Reforma Protestante tiveram importante penetração influenciando o pensamento da época. Já no âmbito da religião católica, a doutrina, a conversão, foram enfatizadas pela imagem, pela comunicação oral, sermões, confissões, orações, ritos, símbolos, liturgia, em detrimento do livro. Embora com significativa atuação no campo da educação elementar, as ordens e congregações católicas não estimulavam a leitura popular da Bíblia, nem pessoal, nem familiar ou coletiva. É o caso da Espanha, onde havia sido proibida a impressão e a leitura dos textos sagrados e outras obras sobre este tema. Tais achados estimularam um novo campo de análise, de métodos e técnicas que permitiram o questionamento: para que escola e alfabetização? Alguns atacam as instituições escolares enquanto elementos de controle social, doutrinação, moralismo e reprodução de uma situação social elitista e injusta. Outros as defendem como relacionadas ao progresso e à modernização. Frago afirma que as respostas vão depender dos objetivos individuais ou coletivos daqueles que interrogam e avaliam os resultados obtidos pela alfabetização e pela escola.

Essa postura do autor reflete um problema bastante generalizado entre os estudiosos da expansão quantitativa da escola/alfabetização em detrimento da qualidade dos conteúdos escolares, da funcionalidade e dos objetivos sociais e individuais dos sujeitos da alfabetização. Viñao Frago reconhece que, em que pese as dificuldades de um uso incorreto da leitura e da escrita, estas criam opções e possibilidades que poderiam não existir em uma sociedade de analfabetos. Por outro lado, a aprendizagem da leitura e da escrita por si só não têm funcionalidade a não ser que o seu uso seja, pelo menos, relativamente necessário. Sem uma utilização constante ocorre o esquecimento e a perda de ambas as aprendizagens; o uso, ao contrário, as aperfeiçoa e enriquece.

A funcionalidade dos processos alfabetização-escola, para o autor, está em direta relação com os objetivos que lhes são determinados. Tais objetivos, por sua vez, podem ser em relação à consciência subjetiva – funcionalidade interna – ou à pressão do

grupo – funcionalidade externa. Neste último caso, há uma pressão ideológica ou de controle social (religioso, estatal, político), mediante informes, programas, campanhas, literatura de apoio. Trata-se de uma ação imposta de fora e aceita pelo usuário. A funcionalidade interna, em contraposição, se dá quando a escola/alfabetização responde a uma necessidade sentida pelo usuário e, ao mesmo tempo, varia de acordo com os interesses e necessidades de cada um – seja um estudante, um médico, uma professora.

A alfabetização pode ter, ainda, as modalidades: “escolar”, relativa ao processo leitura-escrita como um fim em si mesmo, abstrato e geral, e “não escolar”, restrita e concreta, em que o processo tem sentido por utilidade ou necessidade. Nesse quadro, Viñao Frago salienta a proposta de Paulo Freire que, com o seu método de alfabetização dialógico, procura dar oportunidade à pessoa de estar mais consciente de suas condições materiais e sociais.

Em breve análise histórica, Viñao Frago ressalta, também, que a alfabetização em geral tem, de alguma forma e em algum aspecto, uma distribuição social desigual, sempre ocorrendo a partir das camadas sociais superiores para as inferiores. Essa desigualdade refere-se não só à questão da quantidade e da qualidade, mas, ainda, aos níveis de uso da leitura e da escrita, que não são sempre correspondentes, e cuja intensidade e forma variam.

Para melhor compreensão do caráter relativo da alfabetização são propostos os conceitos: “semi-alfabetização”, saber ler e não saber escrever; “analfabetos em outras línguas que não a materna”. Ninguém é alfabetizado em todos os aspectos; talvez seja necessário construir uma classificação ou tipologia das alfabetizações na sociedade tal como “analfabetismo cultural”: sabe-se ler e escrever, mas não se é capaz de compreender ou redigir um texto determinado, cultural, político ou científico; “alfabetização cultural”: conhecimentos e saberes que todo cidadão informado deve possuir, nas sociedades de alfabetização generalizada, pois estes proporcionam familiaridade com textos literários, políticos, históricos, permitindo a participação e o entendimento da vida cultural e política do país; “alfabetização crítica”: conceito de Paulo Freire que enfatiza a dimensão política concedida à linguagem e à alfabetização como prática cultural e a atenção e o respeito à linguagem e comunicação lingüística dos não alfabetizados.

A partir dessa análise, pode-se concluir que não há realmente um sentido nos termos alfabetização, analfabetismo e alfabetização funcional, tendo em vista a elasticidade, imprecisão e ambigüidade das expressões. A sugestão é que se adote “alfabetizações” e “analfabetismos”, de acordo com as possibilidades de cada um de armazenar, localizar, receber, compreender, analisar, produzir, transmitir conhecimentos e informações. Existe, então, um novo alfabeto que, mesmo sabendo ler e escrever, vive em sociedades de “oralidade secundária” nas quais:

se olha e se ouve, mas não se vê nem se escuta... nas quais a linguagem — qualquer linguagem — é mais sobre informação trivial, causa de confusão, do que instrumento de comunicação e de encontro; ... nas quais a fala é ruído, a escrita mais objeto visual do que legível e o ruído asfixia tanto a escrita quanto o silêncio. (FRAGO, p. 98)

É necessário, portanto, estabelecer relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, entre a metodologia do ensino escolar, sua fundamentação teórica e as causas da exclusão, tornando possível a promoção de uma educação crítica e “alfabetizações” dos grupos oprimidos, segundo seus interesses e necessidades. O autor chama a atenção para o que é imprescindível: intensificar e estimular a pesquisa sobre as origens das dificuldades de aprendizagem.

A importância desta obra consiste no fato de que qualquer projeto de educação escolar deve contar com professores preparados, conscientes desta visão de alfabetização. De acordo com as posições defendidas no livro, o trabalho dos educadores deve começar nos primeiros anos da educação infantil — creches, jardins, escolas — mediante uma prática oral, alimentadora da fala, da conversa, do diálogo, dos relatos, contos, casos, “causos”, da leitura em voz alta, coletiva e comentada. A circunstância individual e o agrupamento social devem ser considerados, pensados, refletidos, para que a aquisição de sentido ilumine a aquisição do conhecimento alfabetizador.